

APRESENTAÇÃO

Enquanto o mundo gira, na eterna finitude das universalidades revisitadas, a vida planetária continua. Num constante renascer de esperanças, mais do que de esperas resignadas de um devir sempre mais imprevisível, misturado a múltiplas formas de perplexidades e de contradições, a trajetória humana vai desvendando novos mistérios em encruzilhadas já não sinalizadas pelos dogmas dos que se pretendem verdade.

Preocupações milenares, que engalanaram frentes filosóficas dos mais variados matizes, teimam em persistir nos insondáveis recantos do atual milênio. À medida que as soluções, sempre tão prontamente presentes no discurso dos que se arrogam competência e autoridade, fraquejam por inconsistências crônicas na hermenêutica das entropias humanas próprias dos detentores do Poder, novas perguntas insinuam-se no cotidiano das horas, exigindo respostas impossíveis de serem formuladas.

A questão não reside nas perguntas, mas nos lugares das falas pretensamente interativas do agir comunicativo. No transe de uma todo-poderosa globalização, apregoada e alardeada como irreversível aos que timidamente ousam imprimir-lhe horizontes menos perversos e conformistas, confrontam-se avanços científico-tecnológicos fantásticos com clamores de um senso comum a suplicar espaços de dignidade há muito sonogados pelos que têm eternamente garantido seu lugar à mesa do banquete.

Velhas e novas cruzadas, exurgidas dos escombros de frustradas experiências, empunham estandartes libertários, não importa se do lado esquerdo ou direito do trajeto. Na desgastante luta entre a esperança e o medo, quem vencerá? Provavelmente não haverá vencedores no embate entre forças sinérgicas e entrópicas que lutam pela hegemonia do processo. Talvez reste aos expectadores e atores do século XXI a torcida para que o espírito de luta, por ingloria que esta seja, supere a descrença dos que se cansaram de perseguir objetivos num sistema que por decreto anuncia o fim da História.

Em concordando com o filósofo de que a busca do saber e da verdade é mais importante que sua posse, e dando razão ao poeta de que não há caminhos prontos, pois o caminho se faz caminhando, importa despir-se do casulo da própria solidão e impotência para perscrutar, humilde e despretenhosamente, novas veredas frente à dívida de sentido, imprimindo novos sentidos à dúvida. Viver é preciso, eis a questão.

A Revista *Direito em Debate* inclui-se nessa caminhada, trazendo a lume seu 23º número. Continua, como anuncia em seu próprio nome, em busca de alternativas. Em não havendo respostas claras e definitivas, não se resolve a questão enterrando ou desqualificando as perguntas. Os lugares de fala podem ser precários, sim, mas o que importa é que se fale.

Se couber razão a sociólogos contemporâneos de que a ciência pós-moderna precisa conviver com o senso comum para uma interpretação mais qualificada da complexidade social, não se trata de colocar o certo e o errado na ponta do problema. Ou seja, o que importa não é elaborar discursos competentes, mas participar do discurso. Importa a busca da verdade e não sua posse, pois a verdade, quem a credenciará? Os parâmetros que delimitam a veracidade e a verossimilhança são extremamente frágeis. Por que, então, arrogar-se o direito de julgar, dinamitando as incertezas presentes nas referências éticas, se o julgador se enclausura na redoma de suas próprias certezas?

Os colaboradores, por meio de seus artigos ou ensaios, merecem ser parabenizados pelo simples fato de exporem suas buscas e preocupações. O chamado “escrever é preciso” justifica-se apenas em relação com seu chamado-irmão “pesquisar é preciso”. É essa a razão do diálogo na seara jurídica, seara essa tantas vezes maltratada e desertificada pelos dogmatismos dos que sabem a lei.

Nesse construir caminhando os leitores são convidados a se juntar à caravana para refletir sobre temas como acesso à justiça no Brasil, imperialismo e divisão do trabalho, globalização e organização do processo de trabalho,

análise das execuções de pequeno valor contra a Fazenda Pública sob o prisma da cidadania, sociedades empresárias, cidadania e garantismo, direito de acesso à justiça a partir dos escritórios universitários de prática forense e, por fim, supremacia da coletividade em questões urbanas. Nada melhor do que augurar a todos uma jornada proveitosa.

Darcísio Corrêa

Coordenador do Núcleo de Divulgação Científica

